O DEMOCRATA

(A VENCADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 36.º — N.º 1804

Sábado, 2 de Outubro de 1943

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

VIVA A REPÚBLICA!

Passando no dia 5 mais um aniversário do seu advento — o 33.º — daqui saüdamos, em nome dos que lhe prepararam o triunfo, o mais alto magistrado da nação, que a representa.

Comércio negro

Na minúcia e no rigor—minúcia, a mais rigorosa, rigor, o mais minucioso —deve alicerçar-se tôda a justiça, no seu aspecto repressivo, principalmente. As sanções impostas a quem delinqüir, para além de constituírem castigo, devem constituír remédio. Este foi o resultado da luta entre duas escolas penalistas—a Clássica e a Positiva. Dada a vitória a esta última, mecânicamente se temperou de eqüidade dúctil, no avaliar a rígida função de *punir*. Um exemplo, vivo e actual, de quanto se procura corr genda com a aplicação de penalidades, impostas em plena consciência e por inteira precisão de evitar-se o cáos e a fome de muitos para servir o locupletamento sem escrúpulos de alguns, está na firmeza com que a Intendência Geral dos Abastecimentos combate, sem tergiversar nem transigir, o chamado *comércio negro*. A sua firmeza—é evidente e, portanto, inegável. Mas o que, igualmente, deve sublinhar-se é a génese, caldeada em genuína têmpera de justiça, de medidas que, a uma visão incipiente ou ingénua, podem afigurar-se implacáveis. A Intendência, como é óbvio, sabe atender a atenuantes—quando elas existem e são de admitir. O que não pode, sem diminuir o grandioso fim para que foi criada, é dar ouvidos a jeremíadas de tartufos, tão ávidos de lucro (ou tão capazes de explorar a avidez dos traficantes, que lhes pagam caríssimo aquilo a que não têm jus sem lesarem outrem), que relegam a ínfimo plano a regulamentação do bem público, a luta contra os reflexos temíveis da carência, e o originário direito de tôda uma população a ser niveladamente atendida e amparada.

Tão *negras* como os mercados fraudulentos a que a Intendência declarou a guerra mais depuradora—e mais leal—, são as mentalidades e as almas dos que, sabendo mostrar-se fingidamente pesarosos pelo encerramento dum lugar de comércio ilícito ou pela prisão dum especulador renitente, não dirigem um pensamento de lástima às vítimas que o negro comércio, sendo consentido, causaria, nem à irrisória impunidade de deixar pavonear-se, à solta, um rematado exemplar daquilo que pode expressivamente designar-se por *inimigo público*—o especulador, o açambarcador vil, o consumidor complacente.

Tanto como de Justiça, a obra da Intendência, na repressão do nauseante *comércio negro*, é uma obra de Altruísmo e de Salubridade.

Compreendê-la e nela colaborar—compete a todos os portugueses de boa fé e de ânimo bem formado. O mesmo seria dizer: compete a todos os portugueses dignos de Portugal.

P. S.

IMPRENSA

Arquivo do Distrito de Aveiro

Saiu o n.º 34 desta revista trimestral a que andam ligados os nomes dos srs. António da Rocha Madail, dr. José Pereira Tavares e dr. Ferreira Neves e onde aparecem coisas curiosas e interessantes e algumas, também, engraçadas.

Continua a mencionar os jornais que se publicaram ou ainda se publicam no distrito, embora com deficiências e sem sentido cronológico, que lhe daria mais valor. Assim não passa dum subsídio para história da Imprensa Periódica do Distrito de Aveiro, o que já não é pouco.

Montes de sal

Devem ficar, êste ano, muitos descobertos, nas eiras, expostos aos rigores do tempo devido a não haver colmo ou bajunça em quantidade suficiente para os preservar a todos.

Os armazens e palheiros, êsses, acham-se atafulhados, não podendo conter a mais insignificante parcela do precioso tempêro.

A CORJA

Aventa um colega que é preciso zurzi-la sem dó nem piedade, acompanhando a Intendência Geral dos Abastecimentos na sua acção contra os que nos exploram e nos roubam, vendendo os géneros de primeira necessidade por altos preços. Mas quem a fornece, aonde vai a *corja* buscar o que falta no mercado? Como se compreende que não haja géneros para vender segundo a tabela e apareçam nas mãos da *corja* por preços exorbitantes?

E' preciso apurar isso. E' preciso procurar, esquadrinhar, averiguar tudo quanto se prenda com os manejos da *corja* de modo a detê-la nos seus assaltos constantes à bolsa de quem precisa.

Arre, ladrões!—gritemos todos. E ajudemos a Intendência Geral dos Abastecimentos a cumprir o seu dever no momento calamitoso que se atravessa.

Conselho Municipal

Reuniu, segundo as determinações do Código Administrativo, tendo o sr. Presidente da Câmara apresentado o plano de actividade que projecta pôr em execução e consta do relatório lido na devida altura.

Bilhete da Praia

Costa Nova, 30 de Setembro

E pronto. *Acabaram-se os dias, que ditoso vivi a teu lado*, Costa Nova. Terminou o veraneio. Volto à cidade. Sem me divertir, porque *já não há homens* como diria o padre Manuel Rodrigues, êsse sacerdote espirituoso, desanuviado, alegre, que se destacava nas tertúlias da farmácia onde jogava as damas e o gamão, sendo um dos seus principais animadores.

Já não há homens, com efeito. Por isso vivi aqui quási isolado, a olhar o mar sem fim, o céu sem limites, o extenso areal, a ria sempre encantadora, a Gafanha ubérrima e... mais nada porque *já não há homens* e os que existem passam o tempo ou recolhidos, ou a discutirem a guerra ou... a dormir!

Nestes termos, não levo, hoje, nenhumas saüdades da Costa Nova, ao contrário do que sucedia quando *havia homens* que se juntavam e se divertiam e a animavam com as suas iniciativas durante todo o mês. Dir-me-ão: os tempos eram outros. Ora, ora. Não acusem quem está isento de culpas. A mocidade é que se deixou entristecer e não há maneira de arrebitar. Acostumaram-na ao biberon desde criança, proïbiram-na de beber vinho às refeições, incutiram-lhe hábitos ridículos e de aí é que vem tudo. Pelo menos estou convencido disso. E com êsse convencimento retiro sem saüdades, repito, mas prometendo-te fidelidade, Costa Nova querida, até à morte.

Provando, assim, que o meu amor é sincero — à antiga portuguesa.

JOÃO DO CAIS

Fidelidade canina

Esta história curiosa lê-se em *De rebus pluribus*, do Visconde de Santo Tirso:

Na Suiça, estava um cão deitado na soleira duma hospedaria. Sempre que chegava um automóvel, punha as patas no estribo e olhava para dentro. Indiferente às carícias que lhe faziam, voltava a deitar-se no capacho. E lá ficava, até que novo carro chegasse. Fôra o caso que viera para ali com o seu dono, o qual partira, sòzinho, para uma ascenção, na qual encontrara a morte.

O cão ficara sempre à espera, e a cada carro que chegava, ia ver se nêle vinha o dono.

Comentário do Visconde:

Se D. Madalena de Vilhena tivesse feito o mesmo quando se demorou D. João de Portugal, não teria casado com frei Luiz de Sousa. Verdade seja que não teriamos, assim, o imortal drama de Garrett...

Crónica alfacinha

A CARIDADE

A caridade é a filha dilecta do amor. Sem êste máximo grau de simpatia jámais existirá aquela excelsa virtude.

Caridade, não quere dizer apenas compaixão; ela abrange um sentido muito mais amplo; é o desejo de satisfazer as necessidades do próximo, embora para o conseguirmos tenhamos de nos sacrificar.

Ser caritativo, é procurar a miséria alheia e dissipá-la. E' consolar uma alma aflita, é repartirmos o nosso pouco pão com os que têm fome, corrermos a uma longa distância, se preciso fôr, para encontrarmos um gole de água e matar a sêde a um sequioso. E' levar a visita carinhosa a um doente; instruir um analfabeto, proteger uma donzela, amparar um velho, dar esperança a um preso e incutir-lhe no espírito sãs doutrinas; perdoar as ofensas recebidas, pedir a Deus perdão para os nossos inimigos, condoer-nos com um animal faminto, encobrir defeitos dos nossos semelhantes, lembrando-nos que possuimos outros maiores. Mas... tudo isto não será caridade para ser simplesmente vaidade detestável, se fôr feita com alarde para que nos vejam, oiçam e digam bem de nós.

A caridade pratica-se encobrindo o nosso próprio nome. Foi assim que a Virgem a ensinou, que Deus a praticou e os santos a fizeram.

A recompensa, tê-la-emos, sem dúvida, ainda mesmo cá na terra.

Aproxima-se a época dos frios, das chuvas e dos ventos.

Quantos infelizes não vão sentir todos êsses horrores?

Tenhamos compaixão dêles. Lembremo-nos dos pequeninos, dos velhos, das mulheres seduzidas e abandonadas.

Contribuamos de alguma maneira para o seu alívio e bem estar e, se nada podermos dar-lhes, tenhamos, ao menos, a caridade duma palavra de conforto, um olhar de ternura ou um sorriso de amizade. Lembremo-nos que àmanhã poderemos encontrar-nos nas mesmas circunstâncias e que também desejariamos ser socorridos. Não nos esqueçamos dos que sofrem.

Lisboa, 26-9-43

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Manobras militares

Vão iniciar-se combinadas com os exercícios de Defêsa Civil do Território, que terão lugar em Lisboa, Porto e Coimbra, abrangendo determinadas áreas.

Estão mobilizados todos os meios de transporte e foram publicadas instruções sôbre o que compete à população fazer apenas seja alarmada com sinais que a obriguem a pôr-se em guarda.

Obedece tudo ao dito antigo de que *mais vale prevenir do que remediar.*

Vinho novo

Já há quem o beba, tendo o sr. Ministro da Economia autorizado o trânsito e venda imediata do verde, quando limpo e devidamente manifestado.

Isto devido à fartura de todos os tipos assinalada nas regiões vinhateiras.

Justa homenagem

—o—

Tendo completado a semana passada 80 anos de idade o provedor da Santa Casa da Misericórdia do Pôrto, sr. dr. António Luís Gomes, que tanto se distinguiu na propaganda da República, foi homenageado durante uma sessão solene em que vários oradores enalteceram os seus predicados e os relevantes serviços prestados em prol do bem comum.

O seu busto, que o escultor Sousa Caldas modelou e que se achava coberto com a bandeira nacional, foi descerrado por uma netinha do venerando republicano que, no final, agradeceu as manifestações de que o tornaram alvo.

Pertenceu o sr. dr. António Luís Gomes ao Govêrno Provisório, constituido após a revolução de 5 de Outubro, vai fazer 33 anos; e porque a nobreza dos seus sentimentos, a sua integridade de carácter e a sua honestidade têm sido os pergaminhos de tôda a sua vida, é com satisfação que nos referimos à enternecedora e merecida homenagem que lhe foi prestada e que só dignifica os seus promotores.

O novo ano escolar

Começa no dia 7, reabrindo nêsse dia os liceus e as escolas primárias de todo o país.

As industriais e comerciais principiam a funcionar na próxima quarta-feira.

E' a vida dos livros a dar que fazer à mocidade.

* * *

Na abertura solene das aulas do Liceu fará a *Oração de Sapiência* o professor, sr. dr. Norberto Cardigos dos Reis.

O papel de jornal

A falta dêste artigo, pelo visto, não é tão grande como parece à primeira vista. Há papel, muito papel de jornal! Aonde?—preguntarão os nossos colegas. Pois aonde há-de ser? No *mercado negro*. Aí encontra-se papel, o papel que se queira. Haja, porém, dinheiro para o adquirir.

Pouca vergonha!

O cúmulo da exploração!

Não há o direito!

Assim, como se pode viver? Todos a quererem levar-nos a camisa, é impossível.

O' da guarda!

Não virá do céu uma chuva de notas que encha, de vez, a burra dos gananciosos?

Por aqui se vê que há de tudo, que nos falta nada—só uma cadeia com as dimensões precisas para lá meter a frandulagem que tanto deshonra a classe comercial.

Incêndio

Ás 4 horas e meia da manhã de quinta-feira foram chamados os socorros dos bombeiros da cidade para a Quinta da Patela, proximidades de Vilar, onde numa fábrica de moagem que ali possuia o sr. Anselmo Lopes se manifestou fogo, devorando-a completamente.

Os prejuizos acham-se cobertos pelo seguro, tendo os bombeiros regressado após o rescaldo.

O TEMPO

Ás rijas nortadas, que suportámos alguns dias, sucedeu a quietude do vento, parecendo termos entrado naquela quadra outonal que é uma das delícias de Aveiro.

Oxalá.

FESTAS À BEIRA-MAR

Na Costa Nova e na Barra

realizaram-se as festas da Senhora da Saúde e Senhora dos Navegantes

UM TRECHO DA COSTA NOVA DO PRADO

A-pesar-de prejudicadas pelo tempo agreste, ventoso, as festas realizadas naquelas duas praias do nosso litoral atrairam numerosos romeiros, que as animaram extraordinàriamente.

Tanto a Costa Nova como a Barra capricharam nas ornamentações, que lhes modificaram a fisionomia nêsses dias festivos, consagrados pela tradição.

Os programas elaborados foram cumpridos, destacando-se os fogos de Viana do Castelo, que honraram os pirotécnicos da cidade amiga a que nos ligam laços de verdadeira estima.

A comissão que na Costa Nova deve fazer a festa no próximo ano já se encontra formada, sendo constituida pela sr.ª D. Elsa Sotto Mayor e pelos srs. dr. Emanuel Rebocho, dr. Vítor Gomes, José Piorro, João Pimentel, António Vizinho, Antonio Gil e Adelino Graça.

* * *

Em S. Jacinto realiza-se hoje, àmanhã e segunda-feira a festa predilecta da gente do novo bairro piscatório—a Senhora das Areias.

Haverá, segundo nos consta, arraial nocturno, estando contratada a *Banda Amizade* para a abrilhantar.

Fartura de peixe

O mar quando quere porta-se e mostra a sua generosidade. Assim desde 1 de Maio a 31 de Agosto foram pescados e venderam-se na lota de Vila Real de Santo António nada menos de 34.046 atuns que produziram em dinheiro 40.556 contos! A sardinha, essa, chegou a pontos de não ter compradores e em Viana do Castelo, dizem-nos a *Aurora do Lima*, deu-se o mesmo com as fanecas, mas aqui as peixeiras tiveram grande dificuldade em as vender por que as donas de casa não as quizeram comprar por não terem azeite para as fritar.

Ai uma faneca frita! E com molhinho de tomate por cima?

Ah! faneca!

Secção feminina

DIRIGIDA POR **MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE**

O lar

O lar, é o ninho abençoado que tôda a mulher deseja e será base duma futura geração que ela deligenciará tornar bela e forte. Devemos, pois, dedicar-lhe o nosso carinho e cuidado.

E' sabido de todos que o meio ambiente favorece ou desfavorece o espírito.

Se o lar é alegre e convidativo tôda a família se sentirá bem nêle, haverá paz e alegria; se, pelo contrário, fôr taciturno, espalhar-se-á por todos uma onda de péssimismo, reinará a desordem e a tristeza.

O lar deve ser um santuário de bom gôsto, ornamentado com simplicidade artística--nota principal de elegância. Não são os estofos caros, as tapeçarias orientais, as mil molduras de prata, as várias jarrinhas caras, os mobiliários em madeiras preciosas, que dão à casa o ar de grandeza e podem prender; não. Quanto menos coisas melhor.

1.º Procuremos encher o nosso lar de ar renovado, de sol e abundância de água.

2.º Usemos nas paredes, nos móveis e nos tecidos, côres leves que desanuviem o espírito.

3.º Tenhamos um pouco de arte na disposição dos móveis, fugindo à banalidade, criando nós um estilo novo.

4.º Fujamos de enfeites inúteis, acumuladores de poeiras e parasitas.

5.º Usemos, de preferência, flores naturais que perfumam e encantam.

6.º Saibamos aproveitar tudo para nos dar conforto e beleza.

Vou dizer-vos uma maneira prática e útil de fazerdes uma salinha de costura ou até mesmo de estar.

Se tiverdes duas ou três malas onde não preciseis de mexer muito, colocai-as em frente uma da outra numa salinha, num recanto, na marquise etc., cobri-as com coberturas iguais de forma a que os folhos toquem o chão. Fazei-lhe dois rolos para cada uma do mesmo tecido das coberturas e duas almofadas quadradas. As malas ficarão com o aspecto de dois pequeninos divans. Se a salinha fôr coberta com um tapete ou esteira, melhor parecerá. Colocai a meio uma mesinha e sôbre ela um napron condizente com a cobertura das malas e uma jarrinha de flôres. Podereis lá pôr a vossa máquina e uma cadeira baixinha, ou uma pequena estante com livros e vereis como é agradável ali estar.

Assim, todos os cantos da casa podem ser aproveitados, os objectos que julgais inúteis, também, e contribuiris para a elegância do lar, sem terdes de fazer grandes despesas, o que seria crime na época actual.

Uma explosão

Pelo Ministério da Guerra foi fornecida à imprensa no dia 28 do mês findo, a seguinte nota:

O Ministério da Guerra lamenta ter de informar o país de que às 6 e 10 de hoje se deu, em virtude de causas ainda desconhecidas, uma explosão no antigo Forte da Ameixoeira, onde presentemente se encontravam armazenadas munições e explosivos.

Ficou destruida parte da ala sul do forte. A essa e às munições aí depositadas se referem os importantes prejuizos aí verificados. A maior parte do pessoal da guarda que se encontrava dentro da área do Forte foi atingida pela explosão, só não se tendo verificado conseqüências mais graves por recentemente se terem tomado medidas especiais de segurança.

Quanto ao destacamento que constituia a guarnição do Forte consideram-se desaparecidos os seguintes soldados:

388/42 José da Silva Valentim; 769/42 António dos Santos; 789/42 Joaquim da Silva; 844/42 André António Gomes e 451/42 António Bacaró.

Ficaram feridas as seguintes praças: 1.º cabo 289/42 Armando Loureiro; 1.º cabo 757/42 José Alves; soldado 1.013 Alfredo Gonçalves da Silva; soldado 913/43 Francisco Rodrigues Ribeiro; soldado 836/42 José Jesus Filipe; soldado 1.028/42 António da Costa; soldado 707/42 José Joaquim dos Santos; 453/42 Francisco Gaspar; 510/42 Alexandre Mota de Oliveira; 832/42 Hugo Carvalho da Silva; 230/42 João Maximiano; todos sem gravidade excepto o primeiro e o sétimo e a maioria só ligeiramente feridos.

Todos pertencem ao Regimento de Infantaria n.º 1.

Alguns civis da vizinhança do Forte ficaram também ligeiramente feridos.

Ainda não se sabem as causas que deram origem ao estranho acontecimento.

Apreensão de arroz

—o—

Nada menos de 3.456 quilos de arroz foram a semana passada apreendidos pela Guarda Republicana e ficaram nesta cidade depositados até que o Tribunal Militar Especial resolva sôbre o destino a dar-lhe e aos negociantes que pretendiam transacioná-lo em condições *vantajosas*...

E' um nunca acabar, como se vê. Em tôda a parte aparecem os exploradores e se as autoridades se descuidam êsses ladrões tiram-nos a pele—esfolam-nos.

No entretanto nós bradaremos pela polícia, convictos de que alguma coisa fará para nos defender.

Livros

Coimbra e os Estudantes

Recebemos da sr.ª D. Ercília Pinto um opúsculo contendo a conferência proferida no salão nobre da Faculdade de Letras da Universidade aos alunos estrangeiros do Curso de Férias e na qual abordou a vida académica coimbrã, descrevendo-a em vários tons.

Agradecemos à sr.ª D. Ercília Pinto o ter-nos proporcionado alguns momentos agradáveis com as suas interessantes descrições.

Doenças dos olhos

O Dr. Francisco Lage, médico especializado pelas Faculdades de Medicina de Paris e Bordeus, substituto do Dr. Costa Candal, com consultório na Avenida Lourenço Peixinho, comunica aos interessados que retomou a clínica, sendo as consultas às terças e sextas-feiras, das 11 às 16 h.

Assim, porque é assim mesmo!

—o—

Antes da Revolução Nacional, as leis só eram *lei* para o adversário político, para os que não tinham padrinhos e promessa de represálias como garantia segura de eleições *chapeleiras*. Apenas, para tanto!

Hoje, no *Portugal, pessoa de bem*, as leis ditam-se para cumprimento de deveres e obrigações. Muito a-propósito, podemos repetir, sem receio de desmentido, que se aplica agora, entre nós, o princípio romano *dura lex, sed lex*, a gregos e a troianos. Haja em vista o que se passa com a Intendência Geral dos Abastecimentos ante certas atitudes de determinadas pessoas e casas—que se julgavam a coberto do regime das restrições, por terem clientela escolhida—e de algumas espertezas de velho estilo—confiadas na benevolência da autoridade, por servirem pratos populares.

Mas como as medidas adoptadas são para se cumprir (virtude rehabilitada pelo Estado Novo) êsses estabelecimentos de comida ao público sofreram a verdade dura de uma justa punição.

Só desejamos que tão elucidativos exemplos sacudam a poeira dos olhos e criem adeptos activos entre os *descrentes* da justiça imperativa do Portugal Renovado—justiça cumprida honesta e criteriosamente, como é hábito das *pessoas de bem*.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, as sr.as D. Maria José Gamelas, inteligente filha do nosso amigo dr. José Vieira Gamelas, hábil clínico local, e D. Isabel Mateus Ferreira Wenceslau, esposa do sr. tenente Francisco António Wenceslau, actualmente em Chaves; o estudante Manuel Joaquim Pinto, filho do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5, e os srs. Manes Nogueira Júnior e Sílvio de Sousa Moreira, ausente na Beira (Africa Oriental); ámanhã, a sr.ª D. Elizette Aleluia, dilecta filha do nosso amigo Gervásio Aleluia, da importante Fábrica Aleluia, *e os srs Manuel Tavares de Sousa e tenente-coronel Victor Hugo Antunes, residente em Lisboa; no dia 5, as sr.as D. Maria José Soares Magano, D. Maria Ermelinda Couceiro Valente e D. Clotilde F. de Sousa Pereira, professora oficial, esposas, respectivamente, dos srs. dr. Fernando Magano, professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Pôrto, dr. Acácio Valente, médico em Válega, e Joaquim Pereira, residente em Braga; os srs. general João de Almeida e Paulo de Melo Moreira; o menino Alberto Machado Neves, filho do sr. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do nosso liceu, e a interessante Maria Virgínia Trindade Graça, filha da sr.ª D. Noémia Trindade e Silva; em 6, as sr.as D. Rosária da Cunha Pereira Portugal, esposa do sr. dr. Joaquim Portugal, e D. Ester de Rezende Godinho, esposa do sr. José Lopes Godinho, ambos professores no concelho de Oliveira de Azemeis; em 7, o sr. António Augusto Martins, empregado na filial da Vacuum Oil Company de Coimbra; e em 8, as sr.as D. Silvina Rosa da Silva Pádua e D. Maria da Conceição Faria da Cruz, ausente em Lourenço Marques (Africa Oriental); o inocente José Carlos Rodrigues, a gentil Maria Armanda Abrantes Saraiva e o estudante António de Barros Paula Santos, filhos, respectivamente, dos srs. tenentes José A. Rodrigues de Almeida, José Salvato Bizarro Saraiva e Luís da Paula Santos, em comissão de serviço em Luanda (Africa Ocidental).*

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo realizou se ontem o consórcio da simpática tricaninha Júlia da Silva Cravo, com o sr. Herculano Pereira Bastos, empregado nas Companhias Reúnidas do Gaz e Electricidade de Lisboa.

Aos noivos, que fixaram residência naquela cidade, desejamos um futuro risonho.

Gente nova

No Porto teve o seu bom sucesso, dando à luz uma menina a sr.ª D. Lina Morgado Pinto, esposa do nosso conterrâneo Henrique de Brito T. Pinto, ali residentes.

A recem-nascida, bisneta do nosso saudoso amigo Alfredo César de Brito, foi registada com o nome de Branca Augusta, tendo servido de padrinhos a sr.ª D. Maria das Dores Ferreira e o sr. dr. Augusto Marques da Silva, médico naquela cidade.

Desejamos-lhe um futuro venturoso.

Praias e termas

Com suas famílias, regressaram da Costa Nova: a esta cidade, as sr.as D. Maria Trancoso Magalhães, D. Regina da Luz Faria, D. Maria Melo e Costa e D. Norbinda de Melo Picado, e os srs. dr. Francisco de Assis Maia, capitão Casimiro Marques, tenente Jaime Sabino, José Mortágua, António dos Santos Vitor e Manuel José da Costa Guimarães; a Eixo, o sr. dr. Diniz Severo, considerado clínico; a Lisboa, o sr. Egas Trancoso; a Fafe, o sr. João de Oliveira Frade, professor oficial, e a S. João da Madeira, os srs. Fernando Augusto da Silva, tesoureiro de Finanças, e Raúl Marques de Almeida, chefe da agência da Caixa Geral de Depósitos.

—Também chegaram: da praia do Farol, os srs. tenente Natividade e Silva e António N. F. Ramos; da Figueira da Foz, os srs. dr. Manuel Vieira de Carvalho e dr. Fernando Moreira, conservador do Registo Civil, e das Termas de S. Pedro do Sul, os srs. dr. Eugénio Couceiro e Morais Calado, da Drogaria de Aveiro, L.da.

—Retirou do Furadouro para S. Martinho da Gândara (Oliveira de Azemeis) o sr. José Lopes Godinho, professor naquela localidade.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. Platão Mendes, repórter fotográfico do Primeiro de Janeiro, *do Pôrto e Gilberto Lopes Nogueira, empregado comercial no Bombarral.*

—Partiram: para Caminha, o nosso ilustre conterrâneo sr. dr. Carlos Vilas-Bôas do Vale, juiz de Direito naquela comarca; para a capital, a sr.ª D. Felicidade H. de Oliveira e Silva e o sr. António Coelho, e para a Granja do Ulmeiro (Soure) o professor Vitor Hugo Mendes Rebelo.

—De Anadia regressaram, com suas famílias, a Lisboa e Ovar, respectivamente, os srs. dr. Joaquim A. de Azevedo e Castro, desembargador da Relação e Armando Cancela de Amorim, tesoureiro judicial.

—Chegaram: do Porto, a sr.ª D. Olinda Rodrigues Soares e de Sangalhos, o sr. Severiano F. Neves, professor oficial em Esgueira.

Pelo Liceu

Do Liceu de Alves Martins, de Viseu, veio transferido, precedendo concurso, para o desta cidade, o professor efectivo do 2.º grupo, sr. dr. Manuel Gaspar da Silva Júnior, que na segunda-feira tomou posse.

Os nossos cumprimentos.

Secção Desportiva

Foot-ball

No primeiro encontro para o campeonato do distrito o *Sanjoanense* bateu o *Beira-Mar*, no Estádio Mário Duarte, por 5-0.

Bons prenúncios. .

* * *

Amanhã o *Beira-Mar* desloca-se a Espinho, onde se defrontará com o *Sporting*, daquela praia.

Basket-Ball

Veio, como dissemos, aqui jogar, domingo, com os *Galitos* o *Atlético Club de Portugal*, de Lisboa, que venceu aquêle por 58-27.

MORTE SENTIDA

De Coimbra transmitem que morreu no Hospital da Universidade o conhecido e popular actor Roberto de Oliveira, da Companhia Rentini, de que era uma das principais figuras, se não a principal do elenco masculino.

Também era aqui muito apreciado e estimado pelos freqüentadores do teatro a que pertencia.

Contava apenas 39 anos.

Atenção para a 4.ª página

"Soirée" elegante

Ampliando a notícia do baile que, com todo o esplendor, se realizou a semana passada na Assembleia da Costa Nova, mencionamos hoje os nomes que conseguimos colher das pessoas que formavam a assistência e que tanto realce imprimiram à alegre diversão.

Ei-los:

Dr. Emanuel Rebocho, dr. Leopoldo Mourão, dr. Roberto Canelas, dr. Vítor Manuel Gomes, eng. Pedro de Viterbo, dr. Joaquim Silveira, dr. José Maria S. Carinha, Fernando Augusto da Silva, Raúl Marques de Almeida, José Mortágua, tenente Tadeu Ferreira, Laurélio Regala e António Marques Ribeiro e esposas; dr. Luís Regala, dr. Paulo Ramalheira, dr. Aníbal Ventura, dr. Euclides Vaz, Henrique Caeiro, António Vieira, Gonçalves Parente, Alvaro Neves, Aníbal Grijó, João Pimentel, Wenceslau Pinto, Manuel da Costa Neves, António José Tavares de Castro, Joaquim Tavares de Castro, José Tavares Ritto, Francisco Abreu e Fausto Ferreira; e as *mademoiselles* Eunice Marques, Maria Elisabeth Marques, Maria da Soledade Ruivo, Maria Benilde Ruivo, Maria Helena Rebocho, Maria Virgínia Correia de Oliveira, Maria de Pinho, Silvina Guerra, Maria Emília Ramalheira, Maria Manuela Barroso, Maria Palmira Barroso, Maria Frederico Abreu, Delta Abreu, Maria Rosa Mieiro, Lídia Pimentel, Sara da Costa Cunha Rito, Fernanda Rito, Arlete Correia Rito, Maria Bebiana da Cruz Ventura, Maria Fernanda Ventura, Manuela Neves, Maria da Conceição Gamelas, Estrêla Gamelas, Esmeralda Marques, Auzenda Marques, Leonor Piorro, Maria do Carmo Pinho, Lídia Mesquita, Maria Guilhermina Mieiro, Aida Grijó, Lídia Furtado de Carvalho, Branca da Cruz, Maria da Conceição Marta, Armanda Amador, Maria Rosa da Cruz, Fernanda Janvelho, Ismália da Cruz, Ondina Guerra, etc, etc.

Pela maneira como decorreu a *soirée*, que teve, como dissemos, a caracterizá-la os vestidos de chita e as camisas garridas, devia ter deixado as melhores impressões entre a mocidade que ali se reüniu para passar algumas horas despreocupadamente.

É digna, portanto, de louvores a comissão organizadora, que não se poupou a esforços para que o brilhantismo fosse completo.

Considerandos oportunos

por Jorge Vernex

«...uma luta violenta está desenhada ou mais concretamente travada já entre as fôrças da ordem e as da desordem, entre a nação e o internacionalismo, entre o comunismo e a civilização».

SALAZAR—15-4-1937

A vida dos intelectuais na URSS

A-pesar-de tudo quanto a imprensa soviética tem dito—mesmo em contraste com a igualdade social—sôbre a vida dos intelectuais na URSS, as estatísticas falam bem alto. Ei-las:

Um médico especialista com longa prática, ganhava por mês 700 rublos; um bom engenheiro ganhava 700 a 800; um professor do ensino médio, 360 a 500; um professor do ensino superior, 500 a 700.

O valor dêste dinheiro depende do preço dos géneros:

Um quilo de pão de centeio 1 rublo; um quilo de pão de trigo 2,20 a 4,40 rublos; um quilo de carne 10 a 15; um quilo de banha 20 a 25; um quilo de manteiga 24 a 26; um quilo de paio 17 a 20, etc.

Para o vestuário, havia os *preços fixos*, mas «nada se podia comprar nas lojas sem uma autorização especial» por meio de senhas que os bonzos do partido utilizavam como lhes apetecia, pelo que «o cidadão soviético médio não a conseguia obter». Mas, além dêstes preços, havia os *preços do comércio*, também oficiais, que «eram 3 a 4 vezes mais altos que os preços normais». Por exemplo:

Um par de sapatos de senhora 200 a 400 rublos; um par de sapatos de homem 380; um bom fato, mais de 1000; um sobretudo 800; um enfeite 80 a 100.

Isto fêz com que «nenhuma pessoa pertencesse à camada intelectual pudesse viver exclusivamente do seu ordenado» e «nos últimos anos não havia um médico, um engenheiro, um professor, um artista ou um empregado vulgar, que não tivesse dois ou três emprêgos», isto é, saindo de casa às 7 horas da manhã, só ali regressava às 9 ou mais da noite. O resultado era que o rendimento e a qualidade do trabalho era inferior.

Nas casas, em cada quarto viviam, em média, 5 a 6 pessoas «de idades variáveis, categorias diversas e com diferentes interêsses de vida». Eis como vivia um professor da Universidade de Kiew:

«Como era proprietário duma Cadeira, podia considerar-se trabalhador intelectual e tinha direito a melhores condições de habitação». Mas «foi obrigado, durante muitos anos, a viver com sua mulher no quarto dos pais desta, no qual também estava alojado um irmão dela já homem. O quarto tinha uma superfície de aproximadamente 40 metros quadrados e estava dividido em 3 partes por meio de armários e biombos»: uma para os velhos, outra para o filho e outra para o professor e mulher, que era engenheira e trabalhava numa fábrica. «Um outro professor da mesma Universidade teve de viver durante 6 anos num quarto com 3 metros quadrados de superfície», onde apenas cabiam «uma tarimba, uma estante para livros, uma minúscula mesinha e uma cadeira». Este quarto estava a meia altura da cave.

Fàcilmente se explica esta promíscua maneira de habitar, se tivermos em conta que o desenvolvimento industrial aumentou a população das cidades, que as casas antigas não foram reparadas e novas ninguém pensou em construí-las.

Eis o que espera a Europa com a vitória do bolchevismo. Esta lição é para os cegos, sejam catedráticos ou capitalistas burgueses que só vêem as coisas pela perspectiva larga dos seus largos rendimentos...

A mão estendida aos padres...

Ignoro quais os crimes que os padres cometam na URSS, mas, sejam êles quais forem—se existem!—o que não compreendo é as «atrocidades do regime soviético, em várias cidades que voltaram a cair em seu poder». Dizem de Vorochilovgrado que «o Comissário do Povo para os Negócios Internos mandou prender quatro padres, os quais, após longas torturas numa praça pública, foram, depois, enforcados—só por terem celebrado serviços divinos para a população local. Antes da execução, foram os sacerdotes obrigados a revestir-se dos paramentos. Em seguida vasaram-lhe os olhos». Tais martírios «tiveram larga publicidade» para «dirigir uma advertência a todos os ministros da Religião». Davis que, no «Sunday Express», confundindo Cristianismo com Bolchevismo, escreveu sôbre as relações entre a Igreja e o Estado vermelho, esqueceu-se de mencionar «a destruição de tôdas as igrejas que, em numerosas terras, haviam sido construídas no tempo da ocupação teutónica». De facto, «nas zonas novamente em poder dos bolchevistas é mais vedado do que nunca qualquer manifestação de carácter religioso». De 1918 a 1920 «foram abertas à faca cruzes no corpo dos padres; outros foram regados com água frigidíssima até expirarem, e ainda outros foram enterrados vivos». E o bolchevismo não mudou. «Em Rostov, desta vez, depois da reentrada das tropas russas, houve, crucifixões de padres!

A orientação é a mesma do princípio: «luta cruel contra a Fé, terror barbárico contra os crentes, perseguição cruel contra os padres».

Sejamos ou não crentes, é o nosso dever respeitar os sentimentos e as convicções alheias; o que não podemos tolerar é o assassínio organizado, o terror contra a formação e a consciência espiritual de cada um. Eis uma das mais sólidas razões do nosso anti-bolchevismo. E' isto que muitos não compreendem e nos reprovam, continuando fascinado pela *mão estendida,* velha fórmula do *camarada* Thorez!

Barafunda racial

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas é o primeiro passo para a *revolução mundial,* com todos os povos sob a mesma égide vermelha. O ensaio exerceu-se sôbre uma barafunda racial, onde havia 70 milhões de *minoritários* das mais variadas raças. A URSS, antes da guerra, «tinha uma superfície de 22 milhões de km.², ou seja, quási 16 % da superfície terrestre do Globo» com uma população de «170 milhões de indivíduos, o que dava só 8,1 habitantes por km.²». Mas «na Europa correspondiam a cada km.², na Bélgica 275 habitantes, na Holanda 252, na Dinamarca 88, na Suiça mais de 100, na Bulgária 62 e na Alemanha 143».

Cada um dos povos soviéticos possue sentimentos de nacionalidade. «Os próprios sovietes é que se têm dado ao trabalho, com o objectivo de melhor dominarem os diversos grupos de raças, de fomentar artificialmente a pulverização de nacionalidades, tendo até elaborado uma lista donde constam 191 povos diferentes, vivendo dentro das fronteiras da pretensa *pátria sovietica*».

Os russos moscovitas, pelo censo de 1933, são cêrca de 100 milhões; os primitivos russos ou ucranianos atingem 30 milhões. Têm língua própria, objectivos nacionais, e pela sua evolução cultural, situam-se entre as civilizações ocidental e oriental, que fundiram. Descendem dos normandos wikings e de primitivos eslavos. Em terceiro lugar, temos os turquestaneses, de religião maometana, com 16,5 milhões. Os rutenos brancos, com 10 milhões—só cinco segundo os dados bolchevistas—estão em quarto lugar; parte dêles foi atribuída à Polónia em 1921, mas, em 1939, caíram sob o domínio de Moscovo. Depois vêm: georgianos 3,5 milhões, arménios 2 milhões, fino orientais do Volga superior 3 milhões e 1,4 milhões de alemães que, antes da 1.ª grande guerra, ascendiam a 2,5 milhões e depois foram nivelados com os restantes povos da URSS e oprimidos. Tôda a Europa seguiria o mesmo caminho, se os vermelhos vencessem!

Agradecimento

A família de Francisco Soares, na impossibilidade de o fazer por outra forma, vem por êste meio patentear o seu reconhecimento a tôdas as pessoas que se incorporaram no funeral do saüdoso extinto e bem assim às que por qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar.

Aveiro, 29 de Setembro de 1943.

Carta de Lisboa

Unidade Nacional

A realização do I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria foi mais uma oportunidade para uma parte notável do país afirmar, não só a sua veneração pela figura ilustre e eminente do Chefe do Estado, como também o valor da indestrutível unidade nacional.

Por isso, o sr. Ministro do Interior, no discurso que pronunciou na inauguração da magna e importante reünião regionalista, pôde afirmar, como remate à grande manifestação de que o sr. Presidente fôra alvo:

Nunca em Portugal houve época em que a unidade nacional tivesse mais alto sentido do que esta em que a Nação tem estado sob a presidência do sr. General Carmona. Isto diz bem de quanto o Chefe do Estado é querido e estimado por todos os portugueses.

Afirmações da melhor e mais certa verdade, elas têm o condão de, mais uma vez, pôr em relêvo o que tem sido a acção, a todos os títulos eminente e patriótica, do sr. General Carmona, na suprema magistratura da Nação.

De-facto, Carmona e Salazar têm sido os melhores e mais esforçados obreiros da unidade nacional, graças à qual tem sido possível realizar a grande obra de renovação que caracteriza o Estado Novo.

Dez anos de vida corporativa

Para comemorar a passagem do 10.º aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional e suas leis complementares, publicou agora o Sub-Secretário das Corporações um interessante volume em que se dá conta da grande obra realizada nestes dez anos, em prol dos que trabalham e no qual mais uma vez ainda se prova e põe em evidência o valor extraordinário da organização corporativa, que tem sabido dar aos trabalhadores portugueses uma situação que êles nunca conheceram.

É certo que ainda não está tudo feito. É certo que ainda há muito por fazer. No entanto, para termos uma noção clara, perfeita e certa do que é a acção desenvolvida neste curto espaço de dez anos, basta que comparemos o nada existente—se assim pode dizer-se — até 1926, e o muito que desde então se tem feito.

CORDEIRO GOMES

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.
Agradecemos.

Portugal por Portugal

O sentido do mar passou a ser geito português desde que nos lançámos no caminho das descobertas. Daí, ficarem dentro de nós pequenos retiros, onde cabe, sem esfôrço, uma alma marinheira!

Embrionária no português infante, adquire práticas de marujo com a adolescência e tempera-se, em última análise, na idade maior — a hora de servir a Pátria!

Socorrendo-se dêste atributo da Raça — a ânsia do mar — os Serviços Náuticos da Mocidade Portuguesa estabeleceram periodos de aprendizagem: regatas, cruzeiros, cursos de marinharia e mais actividades de objectivos afins. Como valor de notícia, destacamos êstes:

1) O cruzeiro da *Sagres* às nossas ilhas do Atlântico, em que foram ministrados aos filiados da M. P. rudimentos da profissão de marinheiro.

2) O Curso Extraordinário de Marinharia, funcionando presentemente a bordo do *Lidador*.

Os exemplos apontados atestam, melhor do que as palavras, os métodos escolhidos pelo Estado Novo para educação da mocidade, a quem incumbe continuar, no Portugal do futuro, um Portugal tradicionalmente português.

—I-O-I—

Correspondências

Esgueira, 29 de Setembro

A Casa do Povo desta localidade mandou esta semana para a praia de Aguda 20 crianças de ambos os sexos, filhas de sócios efectivos daquêle organismo corporativo.

Também é grande o numero de sócios que têm recebido assistência médica e medicamentos.

—Pelo sr. Roque de Melo Alvim foi no domingo pedida em casamento para seu filho Álvaro de Melo Alvim, a simpática tricaninha Maria da Conceição Ramalho.

O enlace realizar-se-á brevemente.

—Já retiraram para a capital, onde residem, o sr. dr. Júlio Catarino Nunes e esposa.

—Nos dias 5 e 6 de Outubro fazem anos os *folhetas* Manuel da Cunha Feio e Américo Capela, que já andam a pensar no *menú* para o jantar que hão-de oferecer aos seus confrades.

—Fixou residência nessa cidade o nosso amigo sr. Jorge Marques, que durante o tempo que aqui residiu só criou simpatias entre os esgueirenses.

C.

Visitai o Parque da Cidade

«O Democrata»

ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . .	15$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.

Visitai o Parque da Cidade